



África Minha

Kate Blixen



Adriana Correia 2100131, R31D

2012/2013



Índice

Introdução	página 3
Karen Blixen.....	página 4
África Minha	página 5
Os nativos	página 6
A noção de justiça	página 8
A questão da gratidão	página 8
Somalis vs massais	página 9
Vida social na fazenda	página 9
As mulheres somalis	página 10
As duas raças	página 11
O adeus à fazenda	página 12
Sombras no capim	página 13
Colonização de África	página 15
Conclusão	página 16
Glossário	página 17
Anexos	página 18
Bibliografia/Webgrafia	página 19



Introdução

No âmbito da disciplina de Estudos Interculturais, foi solicitada aos alunos a realização de um trabalho, com um tema à sua escolha, onde se pudesse abordar a interculturalidade. Este termo refere-se à globalização e as suas implicações étnicas e culturais. Assim sendo, escolhi o livro *África Minha*, de Karen Blixen, pois tinha visto o filme recentemente e é de facto uma história muito comovente, e que nos dá a conhecer de perto a cultura africana e os seus povos.

Mais do que um livro de memórias da autora, este livro é uma homenagem a todo um continente. Karen Blixen descreve detalhadamente os hábitos, as culturas e os rituais dos somalis, dos massais e dos kikuyus, assim como o colonialismo inglês na África Oriental, tanto numa perspetiva institucional como social.

A obra também é um retrato de um modo de vida em comunhão com a natureza e com aquilo que há de mais primitivo na humanidade.

Adaptado ao cinema por Sydney Pollack, em 1985, também o filme se tornou uma das mais belas e comoventes películas da história do cinema.

A edição do livro que li inclui, pela primeira vez, a continuação de *África Minha*, o livro *Sombras no Capim*, o qual também irei referir no decorrer do trabalho.

Como o caso de estudo *A Correspondência Luso-Brasileira* abordado na aula, também a obra *África Minha* representa o percurso de transição identitária intercultural de uma baronesa da Dinamarca para uma plantação de café no Quénia. A narrativa é consecutiva e feita na primeira e terceira pessoa, permitindo ao leitor acompanhar a aquisição de uma nova identidade por parte de Karen Blixen.

Karen Blixen

Karen Blixen nasceu em 1885, em Rungsted, na Dinamarca. O seu pai, Wilhelm Dinesen, ex-militar, escreveu livros de ensaios sobre caça. A sua mãe, Ingebord Westenholtz era de uma família de proprietários de navios. Ambos os pais cresceram na península dinamarquesa de Jultand.

Depois de ter estudado Arte em Copenhaga, Paris e Roma, Karen casou com o primo afastado, o barão Bror Blixen-Finecke, tornando-se baronesa. Juntos partiram para o Quênia, em 1914, onde dirigiram uma plantação de café. Depois de se divorciar, Karen permaneceu na fazenda em África, voltando à Dinamarca em 1931, quando o mercado do café entrou em colapso. Foi então que escreveu o livro *África Minha*, sob o pseudónimo de Isak Dinesen, onde se despede de forma comovente da terra onde passou os anos mais felizes da sua vida e revela a sua profunda amizade pelas paisagens, pelas pessoas e por Denys Finch-Hatton, descendente de uma família inglesa.

Em *Sombras no Capim*, Karen Blixen retoma a história cativante da sua vida no Quênia, contando histórias que iluminam o seu amor pelos africanos, pela sua dignidade e tradições, pela sua beleza e paisagens exuberantes.

Enquanto escritora, Karen Blixen não pode ser comparada com outros escritores. A sua voz foi influenciada pelas suas raízes escandinavas e pela grande variedade de obras de literatura europeia. A sua escrita enfatiza a história e a compreensão filosófica da identidade pessoal e os seus relatos revelam um fascínio pelo papel do destino ao controlar a vida dos seres humanos. Karen acreditava que a resposta de uma pessoa para as vicissitudes do destino mostra uma possibilidade de heroísmo e imortalidade.



Isak Dinesen encontra-se entre os primeiros autores a descrever os africanos como indivíduos e não como estereótipos. Foi criticada por participar na invasão colonial em África e por fazer comparações poéticas entre quenianos e colonos brancos. Muitas vezes foi rotulada como racista devido à sua franca representação das diferenças de poder entre brancos e negros no início do século XX em África.

Karen Blixen morreu em 1962, com 77 anos, de subnutrição. Os seus livros, primeiro publicados em inglês e, mais tarde, em dinamarquês, continuam a ser publicados em várias línguas. As suas casas foram convertidas no *Karen Blixen Museum* perto de Nairobi e no *Karen Blixen Museet* na Dinamarca.

África Minha

Quando Karen chegou a África deparou-se logo com uma diferença entre a Dinamarca e este continente: não havia automóveis e as deslocações até à capital, Nairobi, eram feitas a cavalo ou numa carroça puxada por seis mulas.

Os colonos eram nativos que, com as suas famílias, possuíam alguns hectares na fazenda de um branco, tendo em troca que trabalhar para ele durante um determinado número de dias por ano; a vida nas suas terras era mais intensa. Cada família kikuyu tinha umas quantas palhotas redondas e pontiagudas e o espaço entre elas era um local animado, onde se viam crianças e galinhas a correr de um lado para o outro.

Durante a estadia de Karen, Nairobi revelou ser um lugar animado, com alguns belos edifícios de pedra e bairros inteiros de velhas lojas, escritórios e casinhas com telhados de chapa ondulada, ao longo de ruas despovoadas e poeirentas – bem diferentes das ruas de uma grande cidade europeia – ladeadas por longas filas de eucaliptos. Nas palavras da própria autora, Nairobi parecia dizer “Tira partido de mim e do tempo. *Wir kommen nie wieder so jung* – e tão indisciplinados e ávidos – *zusammen*” (página 17) ¹. Karen sentia-se novamente jovem e livre, sentindo que era seu “dever” aproveitar tudo o que esta nova terra tinha para lhe oferecer, que nada



tinha a ver com os locais por onde já tinha passado e que ela nunca tinha experimentado.

Os bairros dos indígenas e dos imigrantes de cor eram muito mais vastos comparados com a parte europeia da cidade. A zona dos somalis, apesar de suja e com má reputação, era também um lugar animado e garrido, construído de velhas latas de gasolina marteladas. Estava afastada da capital, devido, talvez, à reclusão das mulheres. Havia algumas raparigas somalis que foram viver para o Bazar e deram que fazer à Polícia de Nairobi. As mulheres somalis honestas não eram vistas na cidade. Eram dignas e gentis, hospitaleiras e alegres, com um sorriso que faz lembrar campainhas de prata. A zona somali, poeirenta e batida pelo sol, estava exposta aos quatro ventos, recordando aos seus habitantes os desertos de onde provinham. Os europeus que vivem muito tempo no mesmo sítio não conseguem acomodar-se à completa indiferença que as raças nómadas manifestam em relação às imediações dos seus lares. As casas dos somalis estavam dispostas irregularmente e pareciam ter sido construídas para durar apenas uma semana. Mas o interior era “tão agradável e fresco, perfumado com incensos árabes, decorado com belos tapetes e tapeçarias, recipientes de cobre e prata e espadas de punhos de marfim e lâminas de metais nobres” (página 18).

- Os nativos

Não era fácil conhecer os nativos, pois são geniais na arte da mímica. Quando se sentem pressionados no sentido de uma explicação do seu comportamento retraem-se tanto quanto possível. Podiam estar a fingir medo de nós para esconder um receio mais profundo; têm o sentido de perigo da vida em menor grau do que os brancos. Quando Karen se mostrava assustada ou receosa, os nativos olhavam para ela com um ar de não compreenderem a razão para se sentir assim.

“Os nativos eram a África em carne e sangue (...) nós, os brancos, com as nossas botas, sempre apressados, tropeçamos muitas vezes na paisagem. Os nativos harmonizam-se com ela” (página 25). Ou seja, enquanto que os brancos se preocupam com o que os rodeia e tentam fugir e esconder-se dos seus medos e problemas, os



negros aprendem a enfrentar e a conformar-se com o destino, vivendo em harmonia com o ambiente que os envolve.

Quase todas as manhãs, Karen era a médica das pessoas da fazenda. Os kikuyus estão adaptados ao imprevisto e habituados ao inesperado. Neste aspeto são diferentes dos brancos, que tentam proteger-se contra o desconhecido e contra as investidas da sorte. O negro está em boas relações com o destino, em cujas mãos passou toda a vida; enfrenta com grande calma qualquer modificação na sua vida.

Karen, que estudou em Paris e Roma, criou uma escola noturna também para o pessoal da fazenda, com um professor nativo para os ensinar. Ia buscar mestres-escolas a cada uma das missões – Igreja Católica Romana, Igreja de Inglaterra e Igreja da Escócia – uma vez que a educação dos nativos se processa rigorosamente em termo religiosos. Apenas a Bíblia e os livros de hinos estão traduzidos em suaíli. O mundo da palavra escrita abriu-se perante o nativo de África na época em que Karen esteve no continente. Na Dinamarca, tal tinha acontecido há uma centena de anos. As comunicações entre jovens nativos costumavam ser realizadas por escritores de cartas profissionais, pois embora algumas pessoas idosas fossem atraídas pelo espírito da época e alguns kikuyus muito velhos frequentassem a escola de Karen, a maior parte da geração mais velha rejeitava o fenómeno com desconfiança. Só poucos nativos sabiam ler. Os criados, os colonos e os trabalhadores da fazenda levavam as suas cartas a Karen para que ela as lesse em voz alta. A língua suaíli não teve uma linguagem escrita até os brancos decidirem criá-la. Foi cuidadosamente elaborada à semelhança do que é pronunciado e não existe uma ortografia antiquada para confundir o leitor.

A falta de preconceitos dos nativos é algo de surpreendente, pois espera-se encontrar tabus obscuros nos povos primitivos. Este facto deve-se à sua relação com uma grande variedade de raças e tribos e ao vivo intercâmbio humano trazido para África Oriental pelos primeiros comerciantes de marfim e escravos e, nos nossos dias, pelos colonos e caçadores. No que diz respeito à recetividade, o nativo é mais mundano do que o colono ou missionário suburbano ou provinciano, que cresce numa comunidade uniforme com um conjunto de ideias estáveis.



- Noção de justiça

No seguimento de um desastre com uma caçadeira que matou uma criança, Karen afirma que as ideias de justiça da Europa e de África não são as mesmas e que as de um dos mundos são intoleráveis para o outro. Para o africano, só há uma maneira de contrabalançar as catástrofes da existência: o meio da indemnização. Não procura o motivo de uma ação, mas dedica-se a especulações sobre os métodos por meio dos quais os crimes serão indemnizados em carneiros e cabras.

Como juiz dos kikuyus, os nativos consideravam o veredicto de Karen valioso, devido à sua mentalidade mitológica e teológica. Os europeus perderam a faculdade de criar mitos e dogmas, e quando precisam deles estão dependentes dos que restam do passado. Mas o espírito do africano desloca-se com naturalidade e facilmente por estas vias profundas e sombrias. Este dom manifesta-se fortemente nas suas relações com os brancos. É provável que os kikuyus da fazenda vissem a grandiosidade de Karen como juiz no facto de ignorar totalmente as leis segundo as quais julgava.

- A questão da gratidão

Uma das questões que Karen aborda é o facto de os nativos não mostrarem gratidão. É-lhes indiferente o que se faz por eles. Por muito que se faça, aquilo que se faz desaparece e nunca mais se ouve falar disso. Não agradecem, mas também não têm maldade. É uma qualidade assustadora que parece anular a nossa existência humana. Os kikuyus, os wakambas ou os kavirondos, isentos de preconceito, consideram que a maior parte das pessoas é capaz da maior parte das coisas e é impossível escandalizá-los. Não nos julgam mas são observadores perspicazes.

Em relação aos imigrantes somalis, o nosso comportamento afeta-os seriamente e mal nos podemos mexer sem afetar estes altivos e ardentes habitantes do deserto. Têm um acentuado sentido de gratidão e também podem guardar rancor até ao fim da vida. Um favor, uma ofensa ou uma desfeita fica gravado em pedra nos seus corações. São maometanos severos e têm um código moral segundo o qual nos julgam. Já os massais detêm uma posição peculiar entre as



tribos de nativos. Recordam, podem ficar reconhecidos ou ressentidos. Guardam contra nós um ressentimento que só desaparecerá quando a própria tribo desaparecer.

As pessoas muito pobres da Europa são como os kikuyus: não nos julgam mas fazem o somatório do que observam. Quando gostam de uma pessoa, ou sentem estima, é da mesma maneira que amam Deus: não por aquilo que se lhes faz, mas pelo que se é.

- Somalis vs Massais

Os somalis são um povo religioso, asseado e preocupado com a higiene. Atribuem maior importância à virgindade das noivas. Não revela grande capacidade quando entregue a si próprio, pois os somalis são muito excitáveis e, onde quer que se apresentem, se não são controlados perdem muito tempo e sangue com questões relativas ao seu sistema moral tribal. Mas são excelentes auxiliares quando comandados e, talvez por isso, os capitalistas árabes os tenham frequentemente encarregado de empreendimentos arrojados e de transportes difíceis. Os somalis têm um profundo sentido do dinheiro e dos valores, pelo que sacrificam a alimentação e o descanso em favor dos seus encargos.

Os massais não têm religião nem interesse pelo que quer que seja neste mundo. São sujos; as raparigas encaram a moral com leviandade. Nunca conheceram a escravatura e é impossível fazer deles escravos. Nem sequer podem ser metidos na prisão, pois morrem quando são aprisionados não durando mais de três meses. Assim, a lei inglesa vigente no país não prevê pena de prisão para eles, punindo-os apenas com multas, esta incapacidade para sobreviver sob o jugo conferiu uma posição privilegiada perante a aristocracia imigrante.

- A vida social na fazenda

Havia muitas visitas na fazenda. Nos países pioneiros, a hospitalidade é uma necessidade de vida, tanto dos viajantes de passagem como dos colonos. Um visitante é um amigo que traz boas ou más notícias, as quais são alimento para os

espíritos sedentos dos que vivem em locais solitários. Um verdadeiro amigo que venha a nossa casa é um mensageiro do céu portador de *panis angelorum* – pão dos anjos. Os principais acontecimentos sociais da fazenda eram as *ngomas* – grandes danças nativas. A festa oferecida pela casa era modesta: *rapé* para as velhas mães dos dançarinos *moranis* e para as *nditos* – donzelas – e açúcar para as crianças. Por vezes, pedia-se autorização ao comissário distrital para os colonos fazerem *tembu*, uma bebida fortíssima, fabricada com cana-de-açúcar.

Quando iam a uma *ngoma*, os kikuyus esfregavam-se da cabeça aos pés com greda – barro/argila – de um vermelho-pálido que lhes conferia um aspeto estranhamente louro. As raparigas com as suas modestas vestimentas de couro bordadas com contas cobriam a roupa e o corpo de terra, não se distinguindo onde começava o vestuário e acabava a pele, assemelhando-se a estátuas com as pregas e drapeados das roupagens delicadamente executadas por um artista hábil. Os rapazes apresentam-se nus, mas dão grande atenção ao penteado, empoando de greda as cabeleiras que se assemelham a jубas ou usando um rabo-de-cavalo e erguendo altivamente a cabeça.

O espetáculo faz com que os olhos saltem de um canto para o outro. A cena assemelha-se a quadros antigos de uma batalha em que se vê a cavalaria a avançar de um lado, enquanto a artilharia se coloca postos no outro, e figuras isoladas de oficiais galopam em diagonal através do campo de visão.

- **As mulheres somalis**

Quando Farah, criado de Karen, se casou trouxe a mulher da Somália para a fazenda, acompanhada pela mãe, pela irmã mais nova e por uma prima que foi criada com a família. Os casamentos na Somália são combinados pelos membros mais velhos das famílias que tomam em consideração o nascimento, a riqueza e a reputação dos jovens. É de bom-tom, após o casamento, o recém-casado ir viver no aldeamento da mulher durante seis meses. Nesse período, ela ainda desempenha o papel de anfitriã e de pessoa com conhecimentos e influência local.

As raparigas somalis usam o cabelo rapado, deixando apenas um círculo de caracóis escuros à volta da cabeça e um caracol comprido no cocuruto. O sistema somali era uma necessidade natural, uma arte requintada, era religião, estratégia e



ballet, sendo praticado em todos os seus aspetos com a devida devoção, disciplina e destreza. A sua grande beleza reside no jogo de forças opostas existentes no seu âmago. Por trás do eterno princípio de recusa havia muita generosidade; por trás do pedantismo, quanto escárnio e desprezo pela morte.

Na fazenda, as raparigas mostravam-se curiosas acerca dos costumes europeus e ouviam atentamente a descrição das maneiras, educação e vestuário das senhoras brancas, como se quisessem completar a sua formação estratégica com o conhecimento da forma como os homens de outras raças são conquistados e dominados.

As roupas que usavam desempenhavam um papel importantíssimo na sua vida, o que não era de admirar, uma vez que elas eram simultaneamente “material de guerra, despojos de batalha e símbolos de vitória, quais bandeiras conquistadas aos adversários” (página 157). Os maridos somalis são abstinentes por natureza, indiferentes a comida e bebida, bem como ao conforto pessoal. São duros e austeros como a região de onde são naturais, sendo a mulher o seu único luxo, cavalos, camelos e gado também podem ser desejados e bem-vindos, mas nunca ultrapassam as esposas. As mulheres somalis desprezam qualquer fraqueza de um homem com crueldade e, com grande sacrifício, valorizam o seu preço. Não podem comprar um par de chinelos a não ser através de um homem, mas ainda assim são o supremo valor da vida.

- **As duas raças**

Para os nativos, servir um somali ou um árabe era menos difícil do que trabalhar para um branco, pois o ritmo de vida das raças de cor é o mesmo em toda a parte. Em África, a relação entre raça branca e raça negra assemelha-se à relação entre os dois sexos. “Se o amante ou marido de uma mulher fosse informado de que não tinha maior significado na vida da esposa ou da amante do que o significado que ela tinha na sua própria vida, ele sentir-se-ia surpreendido e escandalizado. E se revelassem à esposa ou amante de um homem que ela não tinha mais importância na vida do marido do que a importância que aquele tinha na vida dela, essa mulher ficaria exasperada” (página 235). As velhas histórias de



homens que não devem chegar aos ouvidos das mulheres e as conversas entre mulheres que nenhum homem pode ouvir confirmam esta teoria.

Em relação às duas raças, se dissessem aos brancos que o papel que desempenhavam nas vidas dos nativos é semelhante ao que estes desempenham na sua vida, ficariam altamente indignados e pouco à vontade, uma vez que os nativos são considerados inferiores e subordinados. Se dissessem aos nativos que não têm maior importância na vida dos brancos do que estes têm nas suas vidas, eles não acreditariam e rir-se-iam na cara de quem dissesse tal coisa.

- O adeus à fazenda

A fazenda situava-se num local excessivamente alto para o cultivo de café e, nos meses frios, com a geada, os rebentos dos cafezeiros e as bagas que os cobriam ficavam castanhos e ressequidos. Houve dois anos que choveu muito pouco e a produção diminuiu, tendo sido anos desastrosos para a fazenda. Ao mesmo tempo, os preços do café baixaram. Não era possível pagar as dívidas nem gerir a plantação, e as pessoas que tinham ações na fazenda aconselhavam Karen a vendê-la. Nesse mesmo ano, os gafanhotos invadiram o país, e passados uns meses desistiram de afugentá-los, pois era simplesmente inútil. Finalmente, já sem dinheiro e sem produzir nada que rendesse, Karen teve mesmo de vender a fazenda. No entanto, ainda permaneceu lá alguns meses pois as bagas que ainda não estavam maduras nas árvores pertenciam aos antigos proprietários. Entretanto, o seu amante Denys teve um acidente de avião e morreu. Todos estes acontecimentos conduziram ao regresso definitivo de Karen à Dinamarca.

Os colonos tinham seis meses para saírem da fazenda e decidiram manterem-se juntos no mesmo sítio, de modo a que a gente da fazenda não se separasse. “É mais do que terra que se tira às pessoas quando se toma o seu país natal. É também o seu passado, as suas raízes, a sua identidade” (página 343). Tirar-lhes as coisas que estavam habituados era como tirar-lhes os olhos, e isto aplica-se mais aos povos primitivos do que aos civilizados.

Os nativos pediram a Karen que interviesse junto dos funcionários governamentais para que lhes dessem um lugar onde pudessem ficar todos juntos.



O Governo concordou em ceder uma parcela da Reserva Florestal de Dagoretti, onde os colonos podiam construir um novo aldeamento.

Os velhos da fazenda realizaram uma *ngoma* em homenagem a Karen. Os velhos nativos são friorentos e andam envoltos em peles e mantas, mas ali estavam nus. Os seus adornos e pinturas de guerra eram discretos. Entretanto, Karen pôs fim à festa e no dia da partida despediu-se de todos os criados e amigos, aprendendo a lição de que “é possível acontecerem coisas que nós não conseguimos imaginar, nem antecipadamente, nem no momento em que ocorrem, nem sequer depois” (página 351)

E foi o que aconteceu com Karen, que se mudou para África para gerir uma plantação de café e acabou apaixonada pelo continente e por todos os seus elementos, desde os nativos à própria paisagem.

Sombras no Capim

Na continuação de África Minha, Karen começa por falar de Farah Aden, o seu criado somali, que durante quase dezoito anos dirigiu a sua casa, os seus estábulos e os seus safaris. Foi com ele que a autora partilhou as suas preocupações e os seus êxitos. A partir desta figura concreta, Karen parte para o cenário geral: o povo somali. Este povo era extremamente superior à população nativa no que diz respeito à

inteligência e à cultura. Tinham sangue árabe, consideravam-se árabes de puro-sangue e eram muçulmanos fanáticos. Os kikuyus, os wakambas, os kawirondos e os massais têm as suas velhas tradições culturais, misteriosas e simples que parecem perder-se na noite dos tempos antigos. Recentemente, os próprios europeus levam as suas luzes para o Quênia, mas tiveram os meios necessários para as impor e difundir rapidamente.

O melhor marfim do mundo provém da África Oriental e, ainda antes da descoberta da América, o tráfico de escravos era realizado ao longo destas costas, a partir de onde eram transportados para a Arábia, Pérsia, Índia e China. Os somalis são um povo muito belo, esbelto e apumado como todas as tribos da África Oriental, com olhos altivos e escuros, pernas direitas e dentes de lobo. São vaidosos e apreciam roupas requintadas; quando não se vestiam como europeus – muitos deles usavam fatos dos melhores alfaiates de Londres que os seus patrões já não queriam – vestiam longas túnicas de seda, com coletes pretos sem mangas, com bordados elaborados a ouro. Usavam sempre os turbantes dos muçulmanos ortodoxos de requintadas caxemiras multicolores. As mulheres somalis pareciam ter mais mentalidade do que os homens e, desde que começavam a andar até uma idade venerável, exibiam a figura clássica de *jeune fille* europeia: provocante, astuta, gananciosa e, no seu âmago, doces e compassivas.

“A maioria dos imigrantes fora para África, e lá permanecera por preferir a vida em África à que levava no seu país, porque gostava mais de montar a cavalo do que andar de carro e de fazer uma fogueira no acampamento do que ligar o aquecimento central. Tal como eu, desejavam ser enterrados em solo africano” (página 362). Mais uma vez, Karen revela a sua paixão por África e a sua vontade de permanecer lá o resto da sua vida. Quase todos esses imigrantes eram pessoas criadas no campo e amantes do ar livre, sendo muitos deles filhos mais novos de velhas famílias inglesas, educados desde cedo por feitores e palafreiros velhos e respeitáveis, e estavam habituados a criados. De coração puro, eram capazes de travar uma relação de camaradagem com um caçador ou nómada selvagem e de tez escura; aceitavam e confiavam nos somalis, assim como estes confiavam neles.

Durante a guerra, e nos primeiros tempos subsequentes, não chegaram novos colonos, mas nos anos que se seguiram começou na Inglaterra uma campanha que proclamava o Quênia como uma colónia de oportunidades económicas únicas, e a palavra de ordem era “fomentar a colonização”. Esta propaganda criou uma nova



classe de colonos que eram pessoas que tinham crescido e vivido numa cidade ou comunidade de Inglaterra e que pareciam estranhamente provincianas em comparação com os nativos africanos.

- **Colonização de África**

Os europeus conheciam o continente africano desde o início da expansão marítima, mas foi no século XIX que a Europa consolidou o seu domínio neste continente. A Revolução Industrial motivou a exploração de matérias-primas, especialmente de minérios e de produtos agrícolas (destaque para produção de café, chá, cana-de-açúcar e cacau), todos fundamentais para a produção industrial. Em relação à Inglaterra, esta assumiu a liderança da colonização africana no final do século XVIII e meados do século XIX. O seu plano era combater a escravatura – já menos lucrativa –, direccionando o comércio africano para a exportação de ouro, marfim, tapetes e animais. Assim, o mercado africano ficou sujeito aos interesses do Império Britânico. Os ingleses estabeleceram novas colónias na costa e implementaram um sistema administrativo fortemente centralizado na mão de colonos brancos ou representantes da coroa. A África do Sul, o Egito, o Sudão, o Gana, a Nigéria, a Somália, Serra Leoa, Tanzânia, Uganda, Quênia, são alguns dos estados que se tornaram independentes do Reino Unido.

O violento domínio europeu em África provocou grandes prejuízos para as culturas africanas, uma vez que os europeus impuseram a sua religião e destruíram as relações interculturais que existiam entre os povos nativos. Karen Blixen mostrou o seu desagrado em relação à campanha inglesa que promovia o Quênia como uma colónia com potencial económico, escrevendo “em minha opinião, foi um programa infeliz (...) e do ponto de vista do país em si, a verdadeira «pátria do meu coração», uma colonização branca mais densa era um benefício dúbio, sendo a qualidade, e não a quantidade, dos colonos brancos que deveríamos ter em conta” (página 363).

Conclusão

A realização deste trabalho foi, sem dúvida, muito interessante. Karen Blixen descreve com pormenor as suas experiências, situações do dia-a-dia, as paisagens, os povos, até mesmo os animais (tendo dedicado um capítulo do seu livro à corça Lulu), o que revela a paixão que a fez render-se a África. É uma história muito cativante, muito rica do ponto de vista histórico e cultural e dá-nos a conhecer factos na primeira pessoa, tal e qual como eles são, prendendo o leitor à narrativa e fazendo-o sonhar também com este continente.

Um dos aspectos que achei mais interessantes foi o facto de esta obra permitir-nos não só ver as diferenças entre Europa/África, Dinamarca/Quênia, civilizado/selvagem, mas também as divergências que existem dentro da própria África, entre os seus povos nativos.

Recordando a sua vida em África, Karen sente que podia ser descrita como “a existência de uma pessoa chegada de um mundo precipitado e barulhento a um país silencioso” (página 89). Penso ser seguro afirmar que a autora estava a escrever a sua obra com o intuito de esta ser lida posteriormente por qualquer público, uma vez que Karen afirma o seguinte: “é possível que o facto de escrever com tanta exactidão quanto possível, acerca das minhas experiências na fazenda, do país e de alguns dos seus habitantes, das planícies e bosques, venha a ter interesse histórico”. (página 25).



Glossário

Alguns termos utilizados pela autora:

Msabu – termo indiano que os nativos usam para se dirigirem a mulheres brancas.

Rapé – *tombacco* – tabaco em pó.

Boori – em vão.

Mbaia sana – terrivelmente mau.

Kibokos – chicotes indígenas de pele de hipopótamo.

Jambo morani – jovens guerreiros.

Kyama – assembleia de anciões de uma fazenda, autorizada pelo Governo, a fim de resolver os diferendos locais entre os colonos.

Dhows – embarcações.

Saidea mimi – ajude-me.

Kabilla – tribo.

Siafu – formigas africanas devoradoras de homens.

Nditos – donzelas.

Moran – guerreiro.

Anexos



Ilustração 1 - Palhotas



Ilustração 2 - Rapé (tabaco em pó)



Ilustração 3 - Kikuyus



Ilustração 4 - ngomas (festas de dança)

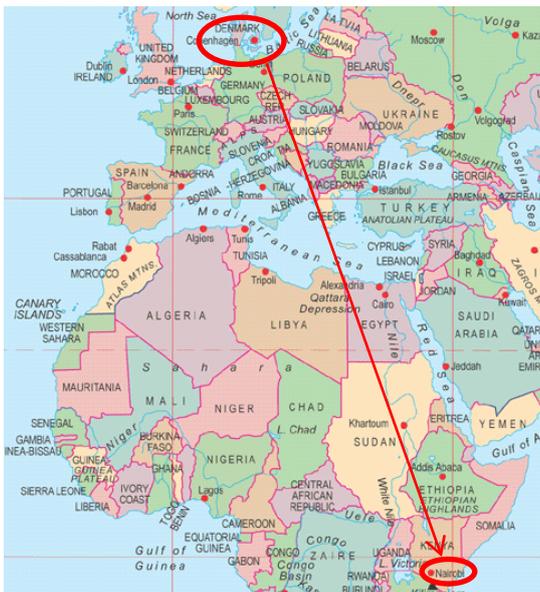


Ilustração 5 - Karen mudou-se da Dinamarca para Mombaca, no Quênia



Ilustração 6 - Plantação de café



Bibliografia / Webgrafia

- BLIXEN, Karen, *África Minha*, trad. Ana Falcão Bastos, Lisboa, Clube do Autor, 1937
- DINESEN, Isak, *Sombras no Capim*, trad. Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito, Lisboa, Clube do Autor, 1960
- [http://www.infopedia.pt/\\$interculturalidade](http://www.infopedia.pt/$interculturalidade)
- <http://www.karenblixen.com/>
- <http://www.slideshare.net/elengamarski/a-colonizao-da-frica>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_%C3%A1frica#A_coloniza%C3%A7%C3%A3o_brit%C3%A2nica
- <http://www.mundoeducacao.com.br/geografia/o-inicio-colonizacao-na-africa.htm>

Notas

¹ “*Nunca mais voltaremos a ser tão jovens*”. N.T.